

Espaço reconfigurado: a casa como sala de aula e um novo imaginário emergencial pela pandemia

Reconfigured space: the house as a classroom and a new emergency imaginary due to the pandemic

Título do Espaço reconfigurado: la casa como aula y un nuevo imaginario de emergencia por la pandemia

Heloisa Juncklaus Preis Moraes
Universidade do Sul de Santa Catarina
heloisapreis@hotmail.com
<http://orcid.org/0000-0003-2038-7022>

Luiza Liene Bressan
Centro Universitário Barriga Verde
luizalbc@yahoo.com.br
<http://orcid.org/0000-0002-6482-3853>

Ana Caroline Voltolini Fernandes
Universidade do Sul de Santa Catarina
anacaroline.voltolini@hotmail.com
<http://orcid.org/0000-0001-5928-2848>

RESUMO

A pandemia de Covid-19 em 2020 reconfigurou muitas coisas mundo a fora. A começar pelos espaços e, por consequência, o imaginário social. Esse artigo busca analisar a casa como um espaço reconfigurado para o ensino domiciliar. Mais que só uma questão espacial, há mudanças de sentido que forjam o imaginário sobre as noções de casa e escola. Trazemos as discussões simbólicas de casa em Bachelard e Durand para promover a reflexão sobre um novo imaginário em função das demandas pedagógicas emergenciais pela pandemia. A casa, como espaço de aconchego e descanso – Regime Noturno da Imagem, sendo transformada em espaço laboral (e de disputa) – Regime Diurno da Imagem no imaginário especialmente infantil e infantojuvenil.

Palavras-chave: Espaço. Imaginário. Casa. Pandemia.

ABSTRACT

The Covid-19 pandemic in 2020 reconfigured many things around the world. Starting with spaces and, consequently, the social imaginary. This article seeks to analyze the home as a reconfigured space for home education. More than just a spatial issue, there are changes of meaning that forge the imaginary about the notions of home and school. We bring the

symbolic discussions from home in Bachelard and Durand to promote reflection on a new imaginary based on the emergency pedagogical demands for the pandemic. The house, as a space of cosiness and rest - Night Regime of the Image, being transformed into a working space (and of dispute) - Daytime Regime of the Image in the especially children's and children's imaginary.

Keywords: *Space. Imaginary. House. Pandemic.*

RESUMEN

La pandemia de Covid-19 en 2020 reconfiguró muchas cosas alrededor del mundo. Empezando por los espacios y, en consecuencia, el imaginario social. Este artículo busca analizar la casa como un espacio reconfigurado para la educación en el hogar. Más que una cuestión espacial, hay cambios de significado que dan forma al imaginario sobre las nociones de hogar y escuela. Traemos discusiones simbólicas desde casa a Bachelard y Durand para promover la reflexión sobre un nuevo imaginario a la luz de las demandas pedagógicas de emergencia para la pandemia. La casa, como espacio de intimidad y descanso - Régimen Nocturno de la Imagen, transformándose en espacio de trabajo (y de disputa) - Régimen Diurno de la Imagen en el imaginario especialmente para niños y niñas.

Palabras clave: *Espacio. Imaginario. Casa. Pandemia.*

Introdução

Em se tratando dos estudos do imaginário, costumamos afirmar que as imagens que fazem sentido em determinado contexto, formando certo espírito do tempo, estão armazenadas na bacia semântica (DURAND, 2002). Esta bacia, metáfora aquífera, segue etapas de formação das imagens em espaço-tempo que lhe garantem um sentido próprio e se manifestam enquanto permanecerem pregnantes. Ainda que subsista uma continuidade de sentidos universais, arquetípicos e de grandes imagens míticas nas cenas mais comuns do cotidiano, estas (as imagens) ganham expressão pela interpelação sociocultural. Durand (2002), propositor das estruturas antropológicas do imaginário, chama esse processo de trajeto antropológico, como veremos adiante.

Bacia semântica e trajeto antropológico são, pois, processos essenciais ao imaginário social. As motivações para a formação das imagens em nível simbólico, ancoradas nos arquétipos universais, vem da cultura e da pressão social, estabelecendo, assim, o trajeto antropológico e contribuindo para a formação da bacia semântica. Logo, quando temos uma mudança social abrupta tal como a que vivenciados em função da pandemia de coronavírus em 2020 traz uma série de novas ambiências, práticas, estéticas, sentidos e, portanto, imagens.

Especialmente aqui, vamos discutir a questão da reconfiguração espacial, prática e simbólica, quando a casa passa ser, também, ambiente escolar. As famílias e suas crianças viram a rotina escolar transformada com uma série de adequações para o ensino domiciliar. Mais que só uma questão espacial, há mudanças de sentido que forjam o imaginário sobre as noções de casa e escola. Trazemos as discussões simbólicas de casa em Bachelard e Durand para promover a reflexão sobre um novo imaginário em função das demandas pedagógicas emergenciais pela pandemia a partir de uma jornada interpretativa (FERREIRA-SANTOS e ALMEIDA, 2012, p. 43), para quem “toda reflexão e pesquisa, numa perspectiva antropológica, sobre um grupo cultural e suas manifestações simbólicas, afetuais, políticos-sociais e econômicas pressupõem uma jornada interpretativa”. A busca pela “explosão de sentidos” que constitui a trama da socialidade, com seus laços ou amarras.

Imaginário: lugar do entre-saberes

O Imaginário nos permite ter uma compreensão diferenciada do mundo em que habitamos e do cotidiano que vivenciamos. Ele nos permite ver padrões em todas as manifestações humanas, inclusive o habitar, o falar, o sonhar, entre tantas outras. O Imaginário enquanto matriz da qual emana toda produção, também as organiza a fim que estas guardem sintonia umas com as outras:

[...] Imaginário – ou seja, o conjunto das imagens e relações de imagens que constitui o capital pensado do homo sapiens – aparece-nos como o grande denominador fundamental onde se vêm encontrar todas as criações do pensamento humano. O Imaginário é esta encruzilhada antropológica que permite esclarecer um aspecto de uma determinada ciência humana por um outro aspecto de uma outra (DURAND, 2002, p. 18).

Wunenburger (2007) menciona que através do Imaginário, conseguimos ler e falar do imaginário de um indivíduo, de um povo (com suas respectivas obras e crenças), assim como de concepções pré-científicas, crenças religiosas, produções artísticas, ficções políticas, estereótipos e preconceitos sociais, por exemplo. Em razão de nos permitir ver a realidade, não só ampliada, mas também de maneira que todos os elementos dela encontram sintonia uns com os outros, o Imaginário nos permite estudar e pesquisar os mais diversos contextos, a fim de que constatações, melhorias ou mesmo comunhão de uma experiência estética sejam vivenciadas. Segundo Durand (1996, p. 231), “[...] o

imaginário não é uma disciplina, mas um tecido conjuntivo entre as disciplinas, o reflexo – ou a reflexão? – que acrescenta ao banal significante significados, o apelo do sentido”, mas antes de tudo, conforme as próprias palavras do Autor,

Museu, reserva de museu, do conjunto de todas as imagens passadas e possíveis produzidas pelo homo sapiens sapiens. O que implica um pluralismo das imagens e uma estrutura sistêmica do conjunto dessas imagens infinitamente díspares, se não mesmo divergentes ... (DURAND, 1996, p. 231).

Essa natureza de arcabouço simbólico ocorre em razão do imaginário de um indivíduo ou civilização ganhar forma através da confluência dos comuns à espécie com as pulsões individuais subjetivas. Comentando a teoria proposta por Durand, Tonin e Azubel (2016) mencionam que o emaranhamento desses dois polos, ou seja, das intimações do meio com as pulsões subjetivas, constitui o que Durand denominou de trajeto antropológico. Esse fio condutor inerente ao Imaginário permite identificar manifestações simbólicas de semelhantes imagens e estruturas afetivas no tempo e no espaço: “ao estudarmos o imaginário, podemos refletir sobre o dinamismo da vida e suas manifestações culturais. Podemos encontrar relação entre as narrativas das antigas mitologias com as materialidades culturais (e midiáticas) da atualidade” (MORAES, 2016, p. 138).

Ao considerarmos o Imaginário um lugar de entre-saberes o concebemos como uma espécie de teia invisível, pois enquanto denominador fundamental de todas as produções humanas, ele organiza o real e torna possível o reconhecimento do singular no coletivo e vice-versa. Nas palavras de Legros et al (2014, p. 112):

o imaginário é um pensamento simbólico total na medida em que esse último “ativa” os diferentes sentidos de compreensão do mundo. Ao mesmo tempo, “reúne” ao construir os esquemas de reconhecimento social: ou seja, “dinamiza” ao fazer variar e evoluir sua própria produção. E é pelo fato de esse pensamento simbólico ser um “mundo criador” que ele se torna dificilmente acessível.

Para melhor nos situarmos é importante mencionar que o Imaginário está assentado em determinados fundamentos. Wunenburger e Araújo (2003) destacam que as representações que dele emanam não se restringem somente àquelas advindas da realidade material. Ele também é resultado de uma imaginação transcendental que

transcendem as informações provenientes de nosso cotidiano, de modo que a imaginação teria, então, um poder de figurar que ultrapassa as fronteiras do mundo sensível. Além disso, a imaginação consegue fazer emergir representações simbólicas, permitindo induzir pensamentos e concepções complexas que ultrapassam a esfera da razão. Tal situação faz com que o Imaginário, através de uma lógica própria e por meio de estruturas, sirva de base para as significações produzidas por um indivíduo em relação à sua vida, ações e experiências:

Enquanto sistema simbólico, o Imaginário Social reflete práticas sociais em que se dialetizam processos de entendimento e de fabulação de crenças e ritualizações. Produções de sentidos que se consolidam na sociedade, permitindo a regulação de comportamentos, de identificação, de distribuição de papéis sociais. Trata-se de um campo de investigação recentemente autorizado que considera, como de igual valor, as funções do irreal e do real. Constituído de narrativas míticas, religiosas e ideológicas, o imaginário é um campo simbólico. Acessá-lo significa adentrar pelas vias sinuosas da linguagem em que metáforas, metonímias, alegorias, símbolos, signos não indissociáveis na sua instituição mesma (TEVES, 2002, p. 64).

Nesse contexto, o Imaginário permeia toda experiência vivida individual ou coletivamente e é por esta razão que afirmamos ser o Imaginário mediador das relações humanas, pois ele confere sentido às ações sociais e conforma toda narrativa, agrupamento humano e manifestação social. Para fundamentarmos tal situação, mencionamos o que Maffesoli (2014) expõe quando indica que o imaginário se faz observar em diversos contextos: nas tendências da moda, no mimetismo social e no gregarismo cotidiano. Estes comportamentos, segundo o Autor, enfatizam o sentimento de pertença, de acolhimento e aceitação social. A partir de tal situação, constatamos que o “juntar-se, reunir-se, assemelhar-se”, é a lógica que organiza o social. Sansot (apud SIRONNEU, 2003) menciona que é através do Imaginário que intervimos na vida cotidiana e social. Para o Autor, o Imaginário exerce um papel salutar, pois enquanto um mundo de imagens, de formas sensíveis, de sons e cores que transfiguramos através de uma sublimação estética, é ele que confere os matizes que organizarão o viver individual e coletivo de maneira singular. Assim, essa amálgama que o Imaginário alberga e desencadeia no seio da vida individual e coletiva, iguala-o a um tecelão, neste caso, que cruza as linhas da vida e o destino:

[...] trata-se sobretudo de uma certa relação com o ser que se manifesta por meio de um vaivém entre o presente e o ausente, por uma capacidade de superar o que nos é apresentado pelo sensível. [...] O imaginário é a espessura do visível, aquilo que nos indica o seu sentido e, embora seja o sujeito que nos indica o seu sentido, trata-se de um sentido que de certo modo se nos impõe [...] (SIRONNEU, 2003, p. 235).

O imaginário individual procura, assim, inscrever-se e apoiar-se em um imaginário coletivo, que por sua vez se renova e se alimenta das produções individuais (WUNENBURGUER, 2003). Segundo Teves (2002), diferente de ser um reflexo da realidade, o Imaginário é o seu fragmento. Isso porque em razão da fusão entre o particular e o coletivo, ele institui um conjunto de interpretações, de experiências individuais vividas e construídas coletivamente. Por esta razão que ele matriza condutas, afetos, ideias e, nas palavras do Autor: “investigar o Imaginário Social de um grupo é estar propenso a dialogar com seu mistério, com suas crenças mais profundas. Metaforicamente, podemos dizer que o imaginário é o *locus* no qual se ancoram as representações sociais” (TEVES, 2002, p. 66-67).

Ao considerarmos que o Imaginário se faz manifestar através de uma lógica própria e estruturas bem definidas pelo idealizador da teoria (DURAND, 1982 ;1985; 1993; 1996; 2002; 2014), consideramos acessível, então, fazer leituras das imagens e narrativas através da hermenêutica proposta por Gilbert Durand, não só daquelas obras amplamente reconhecidas e chanceladas, mas também daquelas não menos importantes, que atravessam nosso cotidiano, às vezes decidem por ficar e deixam marcas profundas no viver individual, coletivo e da própria civilização humana, como é a situação da pandemia por Covid-19 vivenciada globalmente.

Regimes do Imaginário: o padrão subjacente às imagens

Ao concebermos o Imaginário como um lugar de entre saberes, através dele conseguimos identificar nas mais diversas manifestações humanas as estruturas e regimes que englobam a Teoria do Imaginário e, assim, vislumbrar em nosso cotidiano a materialidade dos pressupostos teóricos formulados por Gilbert Durand (1982; 1985; 1993; 1996; 2002; 2014). Segundo Araújo e Teixeira (2009, p. 10), “o imaginário, assim enraizado num sujeito complexo não redutível às suas percepções, não se desenvolve, todavia, em torno de imagens livres, mas impõe-lhes uma lógica, uma estruturação, que faz do imaginário um “mundo” de representações.

Isso porque, a teoria durandiana indica que todas as produções humanas se organizam em padrões, os quais, por sua vez foram divididos em Regimes e Estruturas. Os Regimes se subdividem em noturno e o diurno. Quanto ao Regime noturno, este se subdivide nas estruturas mística e sintética, enquanto o Regime Diurno se subdivide na estrutura esquizomorfa/diairética. É importante salientarmos que estes regimes e estruturas não são excludentes, mas sim se aglutinam e dialetizam-se nas mais diversas produções humanas e em nosso cotidiano. Antes de explicarmos com mais detalhes as imagens e símbolos que englobam as referidas estruturas e regimes, esclarecemos que os estudos e pesquisas de Durand foram influenciados pelas contribuições da reflexologia, oriunda da Escola de Leningrado e W. Betcherev, cujas pesquisas indicaram existir uma “circunscrição das matrizes originárias sobre as quais serão construídos progressivamente os grandes conjuntos simbólicos” (DURAND, 2014, p. 43).

Influenciado por estas descobertas, Durand (2014) propôs que as manifestações humanas acompanham os reflexos dominantes postural, que se caracteriza pela verticalidade; o reflexo da nutrição, indicativo do reflexo da sucção labial; assim como o reflexo da dominante copulativa, que se caracteriza pelos movimentos repetitivos e cíclicos. Com base nesses pressupostos, o Autor propôs que as manifestações simbólicas disposta no tempo e que são produzidas diuturnamente pela humanidade gravitam ao redor de processos, de matrizes por assim dizer, que possuem as características de separação (heroico), inclusão (místico) e de síntese (disseminador):

Efectivamente, o factor geral de equilíbrio que anima todo o simbolismo já não se manifesta sob o aspecto teórico de uma única «pulsão», que as «metamorfoses» jungianas não conseguiam, afinal, dinamizar realmente, mas sim sob a aparência, confirmada pela fisiologia, de três esquemas de acção (que por isso denominámos «verbais», porque o verbo é a parte do discurso que exprime a acção) que manifestam a energia biopsíquica tanto no inconsciente biológico como no consciente. Estes três esquemas correspondem, por um lado, aos três grupos de estruturas (esquizomorfas, sintéticas e místicas) assinaladas na classificação (isotopismo) psicológica e psicossocial dos símbolos, por outro, coincidem com as verificações psicofisiológicas feitas pela Escola de Leningrado (Betcherev, Oufland, Ouktomsky) relativas aos reflexos dominantes (reflexos organizadores dos outros reflexos por inibição ou reforço): dominante postural, dominante digestiva, dominante copulativa (DURAND, 1993, p. 77).

Para melhor compreender a relação das dominantes reflexas, vamos contextualizá-la com a teoria durandiana. O Regime Diurno, por exemplo, guarda relação com a dominante postural, tendo como padrões de simbolismos e imagens com teor luminoso, com representações que exaltam a separação, a dualidade e a comparação. A estrutura que se vincula ao Regime Diurno é a estrutura esquizomorfa/diáritica (DURAND, 2002). Já o Regime Noturno abarca duas estruturas, a estrutura mística e a sintética. A estrutura mística está relacionada com a dominante digestiva, enquanto a sintética está vinculada à ideia de cíclica. As imagens e símbolos que emanam da estrutura mística se relacionam com o semantismo da descida e da profundidade, entretanto os vinculados à estrutura sintética caracterizam-se por guardarem relação com a ideia de aglutinação, síntese e ciclicidade (DURAND, 2002).

Pitta (2005) comenta que as respostas imagéticas e simbólicas que damos aos vários aspectos do viver ocorrem no intuito de respondermos à nossa angústia existencial humana mais básica, ou seja, nossa efemeridade temporal. É para enfrentarmos os semblantes do tempo produzimos imagens, símbolos, representações e narrativas com semantismo de luta, de antítese, como por exemplo, a do herói contra o monstro, do bem contra o mal e vida e morte. Isso porque ao construirmos ou experienciarmos produções com teor guerreiro, damos vazão ao nosso aspecto mais combativo e beligerante. Para Durand (2002, p. 188), “todo o sentido do Regime Diurno do imaginário é pensamento ‘contra’ as trevas, é pensamento contra o semantismo das trevas, da animalidade e da queda, ou seja, contra Cronos, o tempo mortal”. Esse comportamento pode se manifestar tanto de maneira personificada, como coletivamente, quando países, por exemplo, decidem resolver seus problemas através de meios militares. Segundo Gomes (2013) a estrutura heroica está diretamente relacionada com a natureza paterna e ao estado de vigília necessário ao cenário de luta.

Diferente do Regime Diurno, que tenta de todo modo combater o tempo e a morte, o Regime Noturno, com sua aura apaziguadora, tenta amenizá-los, fundi-los e harmonizá-los. Isso porque a estrutura mística abarca imagens e símbolos com semantismos de harmonização, de intimidade e de afeto. Nesse contexto, afloram imagens e símbolos com semantismos de conforto, aconchego e acolhimento. Como uma espécie de continuidade da estrutura mística, a sintética se caracteriza por produções com semantismos de progresso, periodicidade e aglutinação. Esclarecendo os dois regimes e suas respectivas estruturas Araújo e Teixeira comentam:

A partir daí, o estudo do imaginário permite elaborar uma lógica dinâmica de composição de imagens (narrativas ou visuais), de acordo com dois regimes ou polaridades: noturnos ou diurnos, que vão criar três estruturas polarizantes: uma estrutura mística, que induz configurações de imagens que obedecem a relações fusionais; uma estrutura heróica ou diairética, que instala clivagens e oposições bem definidas entre todos os elementos; finalmente, uma estrutura cíclica, sintética ou disseminatória, que permite compor em conjunto num “tempo” que engloba as duas estruturas antagonistas extremas (ARAÚJO; TEIXEIRA, 2009, p. 10).

É a partir desses pressupostos teóricos e das pesquisas situadas no âmbito do Imaginário que o concebemos como um fio organizador de todas as manifestações humanas. A partir do Imaginário conseguimos observar melhor nosso cotidiano, nossas vivências e o modo como nos relacionarmos com a alteridade para, a partir daí, lançar propostas que melhor contribuam para nosso desenvolvimento enquanto seres humanos em evolução. São essas estruturas que mobilizam nossas visões de mundo, quer sejam ligadas ao diurno ou ao noturno. Entretanto, no contexto atual, vale dizer que a mudança do semantismo espacial veio de forma abrupta, imposta e não pelas “escorrências” simbólicas da bacia semântica.

Simbologia da casa

Quando estruturamos um estudo a partir da perspectiva do imaginário, precisamos pensar que este se desenvolve ancorado no pensamento simbólico na medida em que este ativa os diferentes sentidos de compreensão do mundo. Também, é o pensamento simbólico que, ao reunir sentidos, constrói esquemas de reconhecimento social, dinamizando-o ao fazer variar e evoluir a própria produção (LEGROS et al, 2014).

Ainda, é importante dizer que é na interpretação do pensamento simbólico, manifesto por símbolos, que se expressa os imaginários, pois “existe o símbolo quando a linguagem produz dos signos de grau composto no qual o sentido, não contente em designar alguma coisa, designa um outro sentido que só seria alcançado dentro e pela sua visão” (RICOUER apud LEGROS et al, 2014, p.112-113).

O alcance do sentido e o excedente de significação manifestos no pensamento simbólico não se dão apenas em algumas circunstâncias, tais como na linguagem infantil ou na poética, pois este – o pensamento simbólico é um produto de uma compreensão mental autônoma, conforme nos explica Eliade (1991, pp.13-14):

O pensamento simbólico não é domínio exclusivo da criança, do poeta e do desequilíbrio: ele é consubstancial ao ser humano, precede a linguagem e a razão discursiva. O símbolo revela certos aspectos da realidade- os mais profundos- que desafia qualquer outro meio de conhecimento. As imagens, os símbolos, os mitos não são criações irresponsáveis da psique.

Nesse sentido, pensando a partir da interpretação simbólica, trazemos para a reflexão o espaço da casa e seus desdobramentos como imagem que ligam os indivíduos entre si, confortam o sentimento de pertença para fazer face a uma ameaça invisível: a invasão deste espaço íntimo.

Eliade (1991) afirma que a casa está inscrita no corpo, não como traço mnêmico, mas como imagem de intimidade, como imagem que busca e instaura um centro e que cria um universo. Nesse, habitam aqueles que são caros uns aos outros, que compartilham vivências, que possuem afetos e afinidades. Sempre tendemos a imaginar a casa que moramos em dimensões muito maiores do que ela é, pois resguarda imagens arquetipais que se relacionam com todas as memórias vividas e as imaginadas, uma vez que “a casa vivida não é uma caixa inerte. O espaço habitado transcende o espaço geométrico” (BACHELARD, 1996, p. 62).

Percebemos a casa como lugar em que criamos raízes e vivemos em estado de magia. Nesse sentido, não é um espaço delimitado pela matéria, ou refletido na geometria das paredes e na densidade dos tijolos. É um espaço percebido pela imaginação, conforme nos ensina Bachelard (1996, p.19):

O espaço percebido pela imaginação não pode ser o espaço indiferente entregue à mensuração e à reflexão do geometra. É um espaço vivido. E vivido não em sua positividade, mas com todas as parcialidades da imaginação. Em especial, quase sempre ele atrai. Concentra o ser no interior dos limites que protegem.

Para Bachelard (1996), o conceito de casa está imbricado em uma das bases que dá sustentação à constituição do homem: local formador do si mesmo pelo aconchego do seu primeiro berço ao nascer no mundo. Assim, a imagem da casa se constitui como força integradora do ser humano, de seus sonhos, de seus devaneios, pois

a casa é uma das maiores (forças) de integração para os pensamentos, as lembranças e os sonhos do homem. Nessa

integração, o princípio de ligação é o devaneio. O passado, o presente e o futuro dão à casa dinamismos diferentes, dinamismos que não raro interferem, às vezes se opondo, às vezes excitando-se mutuamente. [...] Sem ela, o homem seria um ser disperso. Ela mantém o homem através das tempestades do céu e das tempestades da vida. É corpo e é alma. É o primeiro mundo do ser humano. Antes de ser “jogado no mundo” como o professam as metafísicas apressadas, o homem é colocado no berço da casa (BACHELARD, 1996, p. 26).

Salientamos, também, que as reflexões de Bachelard são extremamente poéticas e pensadas sobre a perspectiva do espírito humano. Na Poética do Espaço, o autor se inspira nos espaços felizes que construímos em nossa vida.

Pela perspectiva da topofilia, os espaços analisados são a casa, o porão, o sótão, a cabana, a gaveta, o cofre, o armário, o ninho, a concha, o canto, que revelam uma fenomenologia do ser humano e sua relação com o mundo por meio da poesia que há dentro do homem, da mulher, dos filhos, da ancestralidade e de seus entornos. Poesia profunda no sentido de relação metafísica e psicológica. Poesia que pode e deve ser participada pelos seres humanos atentos, sensíveis, imaginativos e abertos ao devaneio.

Nesse sentido, pensar a casa é pensar em questões familiares, em acolhimento, conforme nos lembra Bachelard (1996, p.23) com este questionamento: “através da lembrança de todas as casas em que encontramos abrigo, além de todas as casas que sonhamos habitar, é possível isolar uma essência íntima e concreta que seja uma justificação do valor singular de todas as nossas imagens de intimidade protegida?”

Bachelard (1996) aproxima suas reflexões às de Jung para quem a casa parece ter certa semelhança com a topologia da alma. O autor nos lembra que nosso inconsciente está alojado. “Nossa alma é uma morada. E quando nos lembramos das casas, dos aposentos, aprendemos a morar em nós mesmos” (BACHELARD, 1996, p.354). Comenta ainda que há a casa das coisas, dos objetos de nossos usos e intimidades. Essa casa, pluralizada, é simbolizada pelas “gavetas, os cofres e os armários, não se esquecendo de que a imaginação aumenta os valores da realidade” (BACHELARD, 1996, p.357).

Compreendemos, então, que a casa, no sentido bachelardiano, não é o espaço físico em si, mas o espaço imaginado e imaginal em que se presentifica o sentimento que envolve aquele que habita, aquele que desce até um porão ou sobe até um sótão. Mais tarde, esse habitante devaneará em torno disso, lembranças, marcadas pelos movimentos verticais de subida e descida; e em torno das divisões, dos móveis, dos objetos, dos livros, daquilo que

povoa um espaço, porque, na poética da casa, devem-se integrar pensamentos, memórias, sonhos, dores, alentos.

Vale referenciar que a casa em Bachelard se dá, aparentemente, em três instâncias: a referencial “real”, sua organização como imagem poética e a rede de experiências estéticas que ele utiliza para fruir a imagem. Essa relação, segundo o autor, aparenta auxiliar na criação de um fluxo da própria imagem poética.

A imagem poética faz fluir o pensamento simbólico e expressa os espaços da intimidade, como afirma diz Lucena (2007, p.2): “por isso a escolha de espaços íntimos (casa, quarto...) que participam da vivência humana desencadeando sentimentos e lembranças. A casa é o abrigo primordial do homem, ela o acolhe e o faz sonhar; na casa ele pode desfrutar a solidão”. Segundo o autor “a casa é uma das maiores forças de integração para os pensamentos, as lembranças e os sonhos do homem” (1993, p. 26). Mesmo quando ela é humilde e cheia de defeitos, no devaneio torna-se reconfortante, dá estabilidade

Assim, podemos pensar a casa como força de integração para os pensamentos, as lembranças, os sonhos, afastando contingências. “Sem ela, o homem seria um ser disperso. Ela mantém o homem através das tempestades do céu e das tempestades da vida. É corpo e é alma” (BACHELARD, 1996, p. 26). O autor afirma ser “impossível escrever a história do inconsciente humano sem escrever uma história da casa” (BACHELARD, 1996, p. 89) E, estando no campo das emoções, ultrapassamos o simples recordar, passamos a devanear, habitamos nossa casa oniricamente:

Assim, uma casa onírica é uma imagem que, na lembrança e nos sonhos, se torna uma força de proteção. Não é um simples cenário onde a memória reencontra suas imagens. Ainda gostamos de viver na casa que já não existe, porque nela revivemos, muitas vezes sem nos dar conta, uma dinâmica de reconforto. Ela nos protegeu, logo, ela nos reconforta ainda. O ato de habitar reveste-se de valores inconscientes, valores inconscientes que o inconsciente não esquece (BACHELARD, 1996, p. 92).

Ao pensamento bachelardiano podemos relacionar as estruturas antropológicas de Durand (2002). A casa é um arquétipo substantivo da estrutura mística do Regime Noturno e que resguarda a profundidade, a calma, a intimidade (DURAND, 1993, p. 81), pela vontade de união. Pelo *schème* da fusão, a estrutura mística anseia pela harmonia. O autor nos deixa o postulado da sematicidade das imagens, nos permitindo a

interpretação cultural da linguagem simbólica materializada e presente na estrutura psíquica. Pitta (2005, p. 32), a partir de Durand, descreve a moradia como um “espaço feliz” em que cantos e lugares remontam à infância e à intimidade. Para a pesquisadora, então, “a estrutura mística do imaginário, diante da angústia existencial e da morte, vai, pois, negar suas existências e vai criar um mundo em harmonia baseado no aconchego e na intimidade (de si, e das coisas). Trajeto interior mais lento na descida do que o herói na subida” (PITTA, 2005, p. 33).

A casa e seu simbolismo reverberam o imaginário. Mas que imaginário? Silva (2017, p.98) contribui com nossas reflexões ao dizer que “o imaginário pode ser visto como um agendamento espiritual e antropológico específico, feito de acumulação, consonância, onipresença, relevância, temporalidade, sintonia de agendas, centralidade, tematização, saliência e focalização”. E não vivenciamos todas essas experiências das quais fala Silva no cotidiano de nossas casas? Não é o espaço de nossa casa que conserva nossas intimidades? E se nossa resposta é sim, o que dizer de quando essa casa que resguarda e salvaguarda tudo que pertence a nossa alma é, de um momento para o outro e sem aviso prévio, invadida por muitos olhares, explorada e experimentada de muitas formas por aqueles com quem mantínhamos/mantemos uma relação respeitosa e de trocas, mas não de intimidade. Tomada por rotinas compromissos e posturas formais no ambiente informal. Eis que nossa casa, agora, tem outra configuração.

Considerações Finais: Pandemia e novas demandas (estéticas e imaginais)

A pandemia de Covid-19 neste ano de 2020 mudou o mundo em todos os setores. Mas, inegável que as mudanças na Educação e seu processo estético foram abruptas. O imaginário pedagógico infantil e infanto-juvenil está intimamente marcado pela interação, comunicação, afetos. A restrição de circulação e consequente isolamento social privou as crianças do exercício de repertório imagético amplo para aquele mediado por telas (quando a realidade permitiu).

Além da falta de contato com pessoas de seu grupo social escola, as crianças e jovens foram submetidos a uma rotina escolar domiciliar. A questão a que nos debruçamos aqui foi a mudança, abrupta, de referencial simbólico do espaço casa. O que no imaginário social, especialmente infantil mas não só, simboliza a intimidade, o repouso, o aconchego ganha uma outra configuração. A casa passa a ser tomada por uma rotina de

compromisso, disputa (horários, aparelhos) e tensão que antes estava fora dela. Ainda que se tivesse trabalhos domésticos a serem desempenhados, a rotina com a pandemia criou uma outra estética da casa, bem como da escola. Trazer a escola para dentro de casa, não só como tarefa ou dever, gerou uma conversão simbólica da Estrutura mística do Regime Noturno para o Regime Diurno. O herói foi chamado a empunhar suas armas e lutar pelo seu destino no lugar que lhe era aconchego, refúgio. A atitude heroica, de postura ascendente, conflita com o ambiente que teima lhe parecer “caseiro” demais. Apesar de todos os esforços pedagógicos criativos, houve uma quebra de sentido que interfere nas questões psíquicas, cognitivas e sociais.

Como falamos anteriormente embasadas em Pitta, o trajeto da atitude imaginativa do Regime Noturno (a descida da intimidade e do aconchego) é mais lento do que o do Regime Diurno (a subida). Podemos dizer que a casa tinha uma aura temporal de Kairos, o tempo de qualidade, oportuno, merecido (a volta para casa era sempre esperada) e passa a ser ambiente de Cronos, o tempo interrelativo, que nos coloca em (de)pressão. Não é mera mudança de local, mas uma mudança simbólica em toda a representação. Por isso Durand (2002) nos enfatiza que o Imaginário não é o conjunto de imagens, apenas, mas a condição fantástica. Podemos complementar com o pensamento de Bachelard (apud ARAÚJO e TEIXEIRA, 2009, p. 8) de que as forças imaginativas são denominador da construção imaginal, mais no sentido verbal do que substantivo. Nossas construções imaginativas são motores para a construção de quem somos.

É assim, então, que alertamos para a tensão em que se encontra a simbologia da casa no imaginário em função da emergência pedagógica da pandemia. É a confusão de sentido que ganha pregnância, já que o pensamento não institui objetivamente uma coisa, mas integra-o a um sentido ou, nesse caso, desintegra. Há uma ruptura simbólica que é, também, estética. Ao selecionar e reter as informações sensíveis da experiência, a percepção cria pregnância simbólica (CASSIRER). Mas, salientamos, não por uma livre autodeterminação da experiência estética e sim por imposição, o que causa, no mínimo, um estranhamento simbólico espacial que deve ser levado em consideração pelo campo pedagógico. Esperamos que as discussões aqui levantadas sejam um passo inicial para a jornada interpretativa desse cenário que colocou sob tensão inclusive nosso repertório imaginário.

Referências

ARAÚJO, Alberto Filipe; TEIXEIRA, Maria Cecília Sanchez. Gilbert Durand e a pedagogia do imaginário. **Letras de Hoje**. Porto Alegre, v. 44, n. 4 (2009), p. 7-13. Disponível em: <<https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/download/6539/4746>>. Acesso em 24 set. 2020.

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

DURAND, Gilbert. **Mito, símbolo e mitodologia**. Tradução de Hélder Godinho e Vitor Jabouille. Lisboa: Editorial Presença, 1982.

DURAND, Gilbert. Sobre a exploração do imaginário, seu vocabulário, métodos e aplicações transdisciplinares: mito, mitanálise e mitocrítica. **Revista da Faculdade de Educação**. São Paulo, v. 11, n. 1-2 (1985), p. 244-256. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/rfe/article/view/33348>>. Acesso em 24 maio 2018.

DURAND, Gilbert. **A imaginação simbólica**. Tradução de Carlos Aboim de Brito. Lisboa: Edições 70, 1993.

DURAND, Gilbert. **Campos do imaginário**. Lisboa: Instituto Piaget, 1996.

DURAND, Gilbert. **As estruturas antropológicas do imaginário: introdução à arquetipologia geral**. Tradução de Hélder Godinho. 4. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2002.

DURAND, Gilbert. **O imaginário: ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem**. Tradução de Renée Eve Levié. 6. ed. Rio de Janeiro: Difel, 2014.

ELIADE, Mircea. **Imagens e símbolos: ensaio sobre o simbolismo mágico religioso**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

FERREIRA-SANTOS, Marcos; ALMEIDA, Rogério de. **Aproximações ao imaginário: bússola de investigação poética**. São Paulo: Képos, 2012.

GOMES, Eunice Simões Lins. **Um baú de símbolos na sala de aula**. São Paulo: Paulinas, 2013.

LEGROS, Patrick et al. **Sociologia do imaginário**. 2. ed. Tradução de Eduardo Portanova Barros. Porto Alegre: Sulina, 2014.

LUCENA, Karina de Castilhos. Uma fenomenologia da imaginação através do espaço. **Nau Literária: Revista eletrônica de crítica e teoria de literaturas**, v. 03, n. 01, 2007. (Artigos da seção livre).

MAFFESOLI, Michel. **Homo Eroticus**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014.

MORAES, Heloisa Juncklaus Preis. Sob a perspectiva do imaginário: os mitos como categoria dos estudos da cultura e da mídia. In: FLORES, G.B.; NECKEL, N. R. M.; GALLO, S. M. L. **Análise do discurso em rede: Cultura e mídia**. São Paulo: Pontes Editores, 2016, p. 137-177.

PITTA, Danielle Perin Rocha. **Iniciação à teoria do imaginário de Gilbert Durand**. Rio de Janeiro: Atlântica Editora, 2005.

SILVA, Juremir Machado da. **Diferença e Descobrimento**. O que é o Imaginário? (A Hipótese do Excesso de Significação). Porto Alegre: Sulina, 2017.

SIRONNEAU, Jean-Pierre. Imaginário e sociologia. In: ARAUJO, Alberto Filipe; BAPTISTA, Fernando Paulo. **Variações sobre o imaginário: domínios, teorizações e práticas hermenêuticas**. Lisboa: Instituto Piaget, 2003, p. 219-237.

TEVES, Nilda. Imaginário social, identidade e memória. In: FERREIRA, Lucia M. A e ORRICO, Evelyn G. D. (orgs.) **Linguagem, Identidade e Memória Social: novas fronteiras, novas articulações**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

TONIN, Juliana; AZUBEL, Larissa. **Comunicação e imaginário**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2016.

WUNENBURGER, Jean-Jacques; ARAÚJO, Alberto Filipe. Introdução ao imaginário. In: ARAUJO, Alberto Filipe; BAPTISTA, Fernando Paulo. **Variações sobre o imaginário: domínios, teorizações e práticas hermenêuticas**. Lisboa: Instituto Piaget, 2003, p. 23-43.

WUNENBURGER, Jean-Jacques. **O imaginário**. São Paulo: Loyola, 2007.

Revisores de línguas e ABNT/APA: *Luiza Liene Bressan da Costa e Heloisa Juncklaus Preis Moraes*

Submetido em 30/09/2020

Aprovado em 10/03/2021

Licença *Creative Commons* – Atribuição NãoComercial 4.0 Internacional (CC BY-NC 4.0)